

## *A leitura como uma forma da felicidade: entrevista com Davi Arrigucci Júnior*

Davi Arrigucci Júnior é considerado um dos mais importantes críticos literários brasileiros de sua geração. Entre seus principais trabalhos estão *O escorpião encalacrado*, publicado em 1973 pela Editora Perspectiva, sobre a obra de Julio Cortázar; *Humildade, paixão e morte*, em 1990, pela Companhia das Letras, sobre Manuel Bandeira; e *Coração Partido*, em 2002, pela Cosac & Naify, sobre a poesia de Carlos Drummond de Andrade.

Recentemente, iniciou a publicação de sua prosa de ficção, com as novelas *Ugolino e a perdiç* e *O rocambole*, ambas pela editora Cosac & Naify, nas quais prossegue o curso de sua navegação pelas “águas emendadas” da criação e da crítica, o qual já se podia percorrer em sua ensaística.

Há anos dedica-se ao estudo das obras de Jorge Luis Borges – em cuja tradução para o português atualmente trabalha, para a editora Companhia das Letras – e de Guimarães Rosa, sobre a qual escreveu o ensaio “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”, publicado originalmente no número 40 da revista *Novos estudos*, do CEBRAP.

No apartamento da Rua Dona Veridiana, no bairro Santa Cecília, em São Paulo, onde vive há muitos anos, rodeado de livros, Davi Arrigucci Júnior recebeu-me, em agosto de 2005, para mais uma entrevista que esperava fosse útil, como estímulo e como orientação, para os jovens que se iniciavam nos estudos de literatura. A entrevista – que, em uma edição de 53 minutos, foi ao ar pela TV PUC Campinas em dezembro de 2005 – durou quase duas horas e nela Davi falou, com entusiasmo e generosidade, sobre sua formação e sobre os pais leitores; sobre os professores que o ensinaram e inspiraram; sobre o surgimento do professor de literatura, do crítico e do escritor; sobre as amizades e as preferências literárias; sobre seus projetos e sobre a literatura e o cinema brasileiro contemporâneo.

No trecho que agora transcrevo para a revista *Remate de Males*, focalizam-se apenas as passagens em que se fala sobre a formação do leitor e do crítico e sobre alguns projetos em curso naquele momento.

Aos que já o conhecem, espera-se que a leitura traga o prazer de sua já conhecida e encantadora, um pouco mineira, arte da conversa inteligente, cujo tom procurou-se preservar na transcrição; aos que ainda não tiveram esse prazer, espera-se que possam prová-lo nesta entrevista.

Walther Castelli Júnior  
Campinas, dezembro de 2007

**WCJ – A leitura ocupa um papel central em sua vida, não é? Como é que se dá a formação de seu caráter de leitor?**

**DAJ** – À medida que o tempo passa, a gente vai sentindo cada vez mais quais são as coisas fundamentais, não é? A leitura sempre foi pra mim uma coisa central. Comecei lendo alguns escritores e fui ampliando progressivamente o círculo de leituras. A literatura é que me propiciou isso – não toda a literatura, porque a literatura é uma instituição, cabe muita coisa sob essa expressão, mas a literatura entendida como um conjunto de escolhas pessoais –, ela é que fez de mim o que eu sou. Eu poderia dizer com Jorge Luís Borges, uma de minhas preferências literárias, que eu sou sobretudo um leitor. Eu passei a vida lendo! E a leitura foi e é para mim uma forma da felicidade... Como creio que tenha sido para os grandes leitores da tradição literária ocidental, como Montaigne, que trata assim os livros e a leitura, ou como Borges, que leio e releio.

Eu nasci em São João da Boa Vista, uma cidade do interior. Minha mãe era e é até hoje, com 95 anos, uma grande leitora. Também meu pai, médico, muito ocupado, lia também nos intervalos, e com grande fascínio! Às vezes se trancava até no banheiro, para ficar lendo, os clientes chamando, porque o tempo dele era pouco. Ele foi um leitor muito ativo, gostava de ler Dostoiévski, gostava dos grandes romances, leu o Pedro Nava muito bem, e histórias da medicina, e literatura pura e simples, ficção mesmo. Então, vamos dizer que, quando me formei ali em São João da Boa Vista, eu tive grandes leitores em casa, o que empurra a gente pra frente, não é? Instala o hábito. É preciso que a gente forme o hábito muito cedo. E que se forme por prazer e não por mando, por obrigação.

**WCJ – O que mais o atraía nos livros?**

**DAJ** – A abertura de mundos. Um livro, o que guarda sob sua encadernação são mundos múltiplos. E a descoberta desses mundos é o que vai interessando, e cada vez mais, a gente; a “experiência” recolhida nas estantes; porque são experiências de outros homens, são vozes vivas que estão ali... E um dia a gente abre aquilo e acontece.

**WCJ – Ainda hoje essa experiência acontece ou a carne é triste e todos os livros já estão lidos?**

**DAJ** – Acontece! Acontece, por exemplo, agora comigo, com a redescoberta de Tchekhov, que eu já tinha lido, mas estou redescobrando. Estou lendo-o há mais de dois anos seguidos. É um dos escritores com que mais me identifiquei. No episódio da morte de meu pai, que ficou doente longamente, durante mais de um ano, muito grave, eu li o Tchekhov. O Tchekhov foi um médico, como meu pai, um médico extraordinário e uma figura cativante. E a experiência que está acumulada nos contos, nos contos longos do final da vida, e no teatro extraordinário que ele escreveu, e até em livros como aquele sobre Sakhalina, que eu nunca tinha lido e que li há uns três anos... Um belo dia ele foi lá pra essa ilha que ficava no extremo do Oriente, pra lá do Japão e da China, numa parte da Rússia que nem se sabia direito, naquela altura, se era ou não uma ilha. Ele andou mais de sete mil e quinhentas milhas pra chegar lá. Você imagina?... Ele saiu, em 1890 – eu creio que no dia 19 de abril, dia de nascimento do Manuel Bandeira (sorriso) – e andou três meses sem parar... Você imagine, um homem doente! Ele achava que talvez não

voltasse! A razão dessa viagem é um dos enigmas da vida do Tchekhov e um dos fascínios dele. Então, o Tchekhov é um homem que eu li ainda jovem e que me formou. Agora volto a ele.

Então, é assim: a gente entra às vezes por uma coisa secundária, por um conto, por uma página de prosa e acaba sendo fascinado por uma experiência imensa, espessa, não é? E que acaba fascinando a gente eternamente. Eu nunca mais escapei do fascínio do Tchekhov! Voltando ao início de nossa conversa, então, para mim a leitura é uma forma da felicidade, e eu poderia dizer com Borges que um mundo sem livros para mim é inconcebível. E a literatura, portanto, – além dessa instituição –, é o que me dá esse gosto de ler. Isso é que é a literatura que me interessa. E nisso vai uma gama muito diferente, desde um pequeno poema lírico... Há poetas que eu leio, releio... Mas na minha experiência inicial, que é o que a gente guarda, o importante foi sobretudo essa leitura de antologias de contos, de novelas... Elas formaram meu espírito de leitor. Isso aos 13, 14 anos de idade, quando eu comecei. Aquelas antologias da Cultrix, da Martins, *Obras primas do conto universal*, *Maravilhas do conto universal* e o *Mar de histórias*, do Aurélio Buarque de Holanda e do Paulo Rónai, que no começo eram dois volumes, com autores do final do século XIX e do começo do XX, e um inicial, dos primórdios do conto até a noite dos tempos, no início das narrativas até a idade média. Até chegar aos dez volumes que estão ali... (apontando um canto de uma das estantes da sala). Eu li isso durante muito tempo. E, através desses livros, eu li alguns desses autores que me encantaram mais. Fui formando uma seleção de contistas universas. Foi aí justamente que descobri o Tchekhov, o Isac Babel, e outros grandes escritores que hoje eu leio seguidamente...

E eu virei professor de literatura um pouco levado por esse fascínio. Porque o que se instala no espírito da gente, a gente não abandona mais. Vamos dizer, então, que a criação do hábito de leitura foi para mim uma atividade essencial na constituição do meu caráter e foi, também, uma forma de felicidade.

### **WCJ – Como é que se dá o surgimento do senso crítico?**

**DAJ** – Uma vez eu tentei definir isso, pra mim mesmo, como uma espécie de junção entre o fascínio e o pensamento, que é uma coisa que eu sempre encontro na literatura, inclusive na visão aristotélica, da *Poética*, desde o começo. Eu acho que uma das missões da leitura está muito naquele texto célebre do Proust, o *Sobre a leitura*, a que eu me referi no ensaio que você citou, e que é a capacidade da leitura de nos modificar pela instigação do nosso espírito. Ela nos move de alguma forma. Vamos dizer, então, que com o fascínio há também uma instigação ao pensamento. Agora, eu creio que o senso crítico começa a se desenvolver por se ler coisas boas. É do hábito de você ler coisas boas que você quer ler sempre coisas boas. Cria-se o hábito da boa leitura. Agora, se você começa a ler muito abacaxi, muita borracheira, piora!(risos)

**WCJ** – Já se observou que seu ensaio se faz por um movimento de acercamento amoroso ao texto, baseado antes na identificação do que no distanciamento crítico. Pode comentar essa afirmação e falar um pouco sobre a sua maneira de compor o ensaio, sobre suas influências?

**DAJ** – Sim, penso que o meu ensaio de fato se alimentou desse movimento de identificação com o objeto, antes do distanciamento crítico. Parte de um momento de intuição profunda, que nasce com esse leitor que eu fui e que eu sou e que fui desenvolvendo ao longo dos anos, mas que se formou lá quando eu era menino.

Na minha formação de crítico, no início, uma das correntes críticas dominantes nas tendências da crítica mais importantes do século 20 era a estilística. A estilística alemã, a italiana e a espanhola. Eu tive contato com todas as vertentes da estilística, mas sobretudo com o Leo Spitzer, o grande crítico austríaco, e com o Erich Auerbach, o crítico alemão. Eles me formaram muito. E casei com a deles a crítica do Antonio Candido, na qual eu já estava iniciado quando vim para a faculdade, porque ele era da mesma região que eu. Ouvia sempre falar dele e lia muito da crítica de rodapé do Antonio Candido, recolhida depois no *Brigada ligeira*, que um amigo comum, o Oliveira Neto, me havia dado de presente quando eu ainda era menino. (O Oliveira Neto, que era intelectual lá da minha terra, São João, tinha me dado o exemplar de *Brigada ligeira* com a dedicatória de Antonio Candido, que tenho até hoje. Era uma exemplar aleijado, como ele dizia, exemplar de colecionador, estava com a dedicatória do Antonio Candido e tenho este livro aqui...) Então, eu tinha a leitura do Antonio Candido e de alguns críticos brasileiros, o Mário de Andrade sobretudo, de *Aspectos da literatura brasileira* e *d'O empalhador de passarinho*, que eu já tinha lido antes de entrar na faculdade. E tinha lido também... o quê?... Tinha lido muito o Álvaro Lins, do *Jornal de crítica*, de que tenho ali os sete volumes (aponta um canto da estante), com os quais tive grande familiaridade... E o Carpeaux, que tinha pesado muito, por causa dos artigos de jornal e de alguns livros também.

Quanto à forma de meu ensaio, ela começa pela intuição, a intuição de uma totalidade de coisas e também de particularidades significativas. O movimento da interpretação nada mais é do que uma revelação desses dados particulares da obra relacionados com o espírito do todo, vamos dizer assim. E que é a tradução do que aquilo significa, de alguma forma, para você. Quando você consegue dizer isso, você cria uma interpretação pessoal, certamente arbitrária, que não vai dar conta de tudo que está ali. Mas, quanto mais você for hábil e atilado, mais pode apreender daquele todo e pode dar uma resposta totalizante daquele objeto, através de uma intuição primeira, que depois se traduz no movimento da análise e da exegese crítica, propriamente, auxiliado por todo o saber que aí se poderá introduzir sobre a linguagem, a história e as alusões àquele mundo a que o texto remete. Então, reunindo tudo isso, todo esse saber total de fora da obra e tudo que estiver dentro dela, nessa dialética do interior e do exterior, é que nasce a interpretação válida do texto, não é?

Esse esforço de compreensão, que tem esse movimento que eu descrevi, ele foi nascendo um pouco naturalmente comigo, à medida que eu fui amadurecendo como leitor, no próprio movimento do aprendizado do texto, em que surgem a pergunta sobre o como é que aquilo está construído, a pergunta sobre como é que o efeito produzido pelo texto se dá, a pergunta sobre quais os recursos de que se serviu o autor para transmitir aquilo que eu percebi. Quando se começa a interrogar o “como está feito” o objeto literário, imediatamente a noção de forma surge com grande intensidade. É então que se percebe que o que está dito está dito de um modo, um “como” rege a organização daquele mundo. O

“como está feito” é fundamental! E a tarefa crítica é deslindar o “como está feito”, é dizer o que é aquilo, do modo como está ali apresentado.

“A realidade apresentada” é exatamente o subtítulo do *Mimesis*, o grande livro do Auerbach. O livro trata as várias formas de encarar a “realidade apresentada” por escritores, desde a Bíblia até o século 20. Então, é essa “realidade apresentada”, tal como se configura no texto, que é o objeto dessa leitura desentranhadora, dessa leitura inventiva, que é a crítica que me interessa e que eu procuro fazer.

**WCJ – Como é que se passa da intuição do valor ao juízo de valor sobre o objeto da leitura crítica?**

**DAJ** – O juízo é uma decorrência disso tudo. Porque, como eu já disse, é de tanto ler as coisas boas que a gente apreende e forma o espírito para criticar, para discernir. Para julgar, então, vamos dizer, é preciso perceber com grande emoção e intensidade; é preciso entender como está feito, minuciosamente, até a última particularidade significativa; e é preciso avaliar, com todo peso que isso significa – para você, para sua experiência de vida, para sua visão do mundo – aquilo que está diante dos seus olhos.

Então, vamos dizer que a leitura é uma coisa integradora, porque ela bota a pessoa, o leitor, de sua poltrona individual, em contato com o mundo. Porque é o mundo que está representado nos textos! Quer dizer, é uma outra sensibilidade, uma outra inteligência que forjou aquilo, a partir de uma experiência própria do mundo. E é isso que nós devemos traduzir de algum modo, com a maior clareza possível do nosso espírito. Esse é, para mim, o que deve ser o resultado da leitura crítica.

**WCJ – É conhecida sua predileção pelo ensaio como forma adequada para o exercício da crítica. O que é um bom ensaio?**

**DAJ** – Dizer as impressões do objeto cultural, eu penso que é uma tarefa artística. Logo, a composição do ensaio exige, num determinado momento, parte de arte. De outro lado, exige um saber científico. Você tem que saber como é que um objeto daquele se constrói. Tem que saber a sociedade que gerou aquilo. Porque aquilo não é fruto do nada, aquilo saiu de um chão social. Então, vamos dizer que grande parte do trabalho da forma é entender como ela é um produto social e como ela está configurada a partir de dados da sociedade que o escritor viveu e que tendeu a representar de algum modo. Para isso, é preciso um saber científico, que passe pela interioridade e pela exterioridade das obras, de modo igualmente adequado.

Eu diria que, se tudo isso de que falamos a respeito da atividade crítica se der numa conjunção de momento, é possível que saia um grande ensaio. Se não, não. (Riso) Então os ensaios se frustram, como também se podem frustrar as obras de arte. Às vezes o sujeito tem toda a história que ele vai contar sabida, tem tudo armado para contar a história, e não dá certo... Mas às vezes os deuses são propícios e dá certo... E surge uma coisa marcante, iluminadora, não é?

**WCJ – Pode falar um pouco, finalmente, de seus trabalhos em curso e sobre seus projetos de ensaísmo?**

**DAJ** – As coisas que eu estou pensando e pretendo escrever são os poetas modernistas do Brasil. Eu tenho me dedicado muito à poesia lírica brasileira contemporânea e também a autores pra além do modernismo. Tem alguns ensaios também que eu gostaria de escrever ainda sobre lírica brasileira: um ensaio sobre João Cabral, outro sobre Ferreira Gullar; tem um trabalho que eu gostaria de fazer sobre o Max Martins, que é um poeta do Pará, pouco conhecido, mas de que eu gosto e sobre quem eu gostaria de escrever também. Queria escrever mais um ensaio sobre Manuel Bandeira inicial, que é uma questão não de todo esclarecida. E gostaria de voltar, ainda uma vez, a Murilo Mendes. Esses são os escritores a que gostaria de me dedicar; são escritores, poetas, que me perseguem e que eu leio e releio todo o tempo.

Tem também outros, posteriores, que eu vou descobrir, novos, que me atraem e sobre os quais eu gostaria de dizer o que eu penso. Eu permaneço, então, aberto a novidades da lírica e repensando a tradição básica, o núcleo da tradição básica da literatura brasileira, da lírica brasileira, do modernismo pra cá.

Tem também dois escritores, que eu venho estudando permanentemente, que são o Jorge Luis Borges e o Guimarães Rosa. Eu dediquei muitos anos ao Guimarães Rosa e escrevi pouco ainda. Eu escrevi um ensaio, que era um ensaio longo, “O mundo misturado”, que saiu em 94, que eu pretendo estender um pouco e que vai compor, com outro que estou escrevendo sobre o Borges agora, provavelmente, um livro, em que deve entrar também um ensaio sobre o John Ford, o cineasta autor de *faroestes*, de uma obra tão extensa e importante no cinema americano. Eu tenho uma atração pela prosa ficcional forte desses escritores e tenho vontade de escrever sobre eles ainda. Pretendo, então, retomar o ensaio sobre o Guimarães Rosa, para ampliá-lo um pouco, e conjugá-lo com um outro sobre o Borges.

Tem também o caso do Machado de Assis, que eu nunca parei de ler e que eu tenho vontade de estudar um pouco com relação ao Tchekhov, comparando-lhes as poéticas. Eles são contemporâneos, rigorosamente contemporâneos, e, a meu ver, têm uma afinidade profunda em certo sentido, nos problemas e nos modos de construção, e eu gostaria de estudar e tentar desvendar um pouco essas poéticas paralelas, embora eles não tenham ligação direta.

Walther Castelli Júnior é mestrando em Teoria e História Literária na Unicamp